

**XI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – XI ETBCES**

**RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES DA EJA NAS ESCOLAS DO TERRITÓRIO DO ANTIGO QUILOMBO DO CABULA**

[[1]](#footnote-2)Alaide Santos de Santana

[[2]](#footnote-3)Josenita de Oliveira Evangelista de Souza

[[3]](#footnote-4)Lívia Villas Bôas

[[4]](#footnote-5)Eudes Mata Vidal

**RESUMO**

Este artigo relata a experiência de práticas pedagógicas em turmas da Educação de Jovens e Adultos em escolas municipais do território do antigo quilombo Cabula. Iniciamos com um breve histórico da EJA no Brasil e particularmente na cidade de Salvador no estado da Bahia, depois trazemos a concepção curricular pensada que posteriormente será colocada em prática com os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação . Educação de Jovens e Adultos (EJA). Relato Experìência. Cabula.

**1 - INTRODUÇÃO**

 A proposta deste artigo é socializar as experiências exitosas com alunos das turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede municipal de educação da cidade de Salvador. Para iniciar trouxemos um breve histórico da EJA para contextualizar no tempo e espaço as condições político pedagógicas desta modalidade.

 Após a contextualização da EJA e suas particularidades foi necessário trazer no nosso texto a concepção de currículo pensada e de relevância dela para nortear o trabalho do professor em sala de aula. Diante da análise da concepção do currículo para a EJA apresentamos a proposta curricular pensada, elaborada e executada em turmas desta modalidade. Nesta proposta podemos exemplificar as atividades, e conteúdos significativos para este público, trazendo à tona seus saberes e experiências vividas conforme preconizava o mestre Paulo Freire.

 Ao discutir sobre os aspectos didáticos, mas também sociais e políticos que engendram a modalidade de Educação EJA, fazemos um paralelismo com outro conceito importante, no campo da ação social, que é o Turismo de Base Comunitária (TBC). Este conceito está ligado a uma modalidade de turismo, no qual o protagonismo das ações está estreitamente vinculado às formas comunitárias de organização social (VIDAL, 2021).

Sendo assim, por ter características multidisciplinares em sua estrutura e aplicação, o TBC, além de propor e construir concretamente outro modelo de ação turística, ligada ao desenvolvimento socioeconômico e cultural de uma determinada comunidade popular que o adote e aplique, também manifesta uma forte promoção para processos de educação comprometidos com uma proposta revolucionária e libertária.

Neste sentido, situa-se o projeto TBC Cabula e Entorno, criado no ano de 2010, com atuação em 17 bairros que compõem o antigo quilombo do Cabula, atualmente grande território do Cabula. Este projeto teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), tendo seu funcionamento na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) até os dias vigentes, instituição localizada no Cabula (VIDAL , 2021).

O Cabula, por sua vez, território localizado como “miolo” de Salvador, atualmente foi demarcado pela gestão pública da cidade composto por 22 bairros, embora o saber popular local reconheça somente 17 deles. Em sua formação histórica, foi um espaço delimitado por disputas em torno das relações de poder e das contradições sociais produzidas durante o período de escravização dos africanos e seus descendentes no Brasil. Com forte ancestralidade africana, foi palco para a criação do antigo quilombo Cabula, que resistiu até a sua destruição em 1807.

Igualmente, nesta mesma região, estudos (MARTINS, 2018; COSTA, 2018) mostram que suas antigas matas fechadas, serviu de abrigo para grupos tupinambás que coexistiam nas proximidades de seu território, durante o período da colonização do Brasil.

Essa região possui o bairro mais negro da cidade: o bairro de Pernambués, que no censo de 2010 do total de 64.983 moradores, 53.580 se auto declaram pretos e pardos, um Campus da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, o terreiro mais antigo Congo-Angola do Brasil, o Tumbeci e as histórias de resistências do povo preto que agora vão sendo recuperadas:o negro Beiru, a Mata Escura, a Engomadeira e a Sussuarana, Quilombo do Cabula.

Por fim, na conclusão deste artigo, trouxemos relatos de experiências com possíveis práticas interacionistas e totalmente contextualizadas com a realidade vivenciada pelos alunos que fazem parte das classes da EJA.

 **2 CONTEXTUALIZANDO A EJA NAS ESCOLAS DO TERRITÓRIO DO ANTIGO QUILOMBO DO CABULA**

Ao pensar na Educação de Jovens e Adultos, várias possibilidades se apresentam e conceituá-la necessita de contextualização, pois, dependendo do contexto pode-se pensar a qual público adulto se refere à modalidade. Desta forma, este artigo voltar-se-á ao processo de alfabetização de Jovens e Adultos no século XXI. Assim sendo, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil é uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não estudaram, por diversos motivos, na considerada idade certa (art. 37 da LDB 9394/96), visando reparar o direito ao acesso à educação e à aprendizagem dos indivíduos que por motivos diversos, alheios a sua vontade, tiveram negados o direito fundamental à educação durante a infância e a adolescência. Os estudantes, sujeitos da EJA têm em comum o fato de pertencer a grupos historicamente discriminados, colocados à margem da sociedade, como as pessoas com deficiência, a população LGBTQI+, a população negra e indígena, perfis intrincados a outras questões como a pobreza.

Olhando bem de perto, a educação de Jovens e Adultos a proposição de EJA não vem com o caráter reparador, considerando os marcadores raciais e sociais, mas ganha este propósito com a Educação Popular, movimento que se inicia em 1920, quando o censo escolar apontou que o nível de escolarização na época, se assemelhava a 1909. Os dados intensificaram a luta pela democratização da escola pública e o direito ao acesso à educação a todos os cidadãos considerando os índices do analfabetismo e, com este movimento, correntes educacionais contrárias ao caráter mercadológico da educação se fortalecem e garantem intervenções e reflexões mais emancipatórias que favorecem uma concepção de EJA mais dialética, tendo no sujeito a centralidade do processo.

Paulo Freire, reconhecido em várias partes do mundo por sua atuação no campo da educação, sendo referência em muitos países africanos, por onde esteve durante o exílio, difundiu a Educação Popular. Sua perspectiva de educação era contrária a educação bancária, na qual o aluno é sujeito passivo, mero receptor dos conhecimentos transmitidos. para ele a educação é ato de transformação. Em (1963), ele marcou em definitivo a educação de jovens e adultos do país, em 40 dias alfabetizou pessoas adultas na cidade de Angico utilizando o método das palavras geradoras. Uma proposta de alfabetização centrada na leitura de mundo, as palavras provocavam reflexões, debates e análises conjunturais.

Freire expõe que é preciso fazer sentido para que ocorra o processo de alfabetização, se a cultura do sujeito aprendente está presente no processo, se a educação consegue problematizar o contexto social, é possível aproximar o que se ensina do que se aprende: *a leitura de mundo, antecede a leitura da palavra.* Se para a criança ler que Ivo viu a uva, não faz sentido, menos ainda faz para o adulto que já possui um arcabouço de experiências, para que a frase seja plausível é importante saber quem é Ivo, porque ele viu a uva e quem foi que plantou a uva.

Em Salvador, a EJA sempre configurou como a última opção de investimentos. Após um processo de atenção em educação de forma geral, podendo ser percebida através dos materiais da chamada Maleta Pedagógica (1996), não se encontram registros até 2012 de ações para a EJA que envolvessem toda a rede. Em 2011-2012 a EJA passou pela construção da proposta pedagógica com formações pensando no aluno adulto,

Nesse período existiam então 166 escolas com turmas de EJA na cidade de Salvador e 27 escolas com atendimento de EJA na região do Cabula, hoje a região do Cabula possui 48 escolas municipais públicas, entre escolas com atendimento da Educação Infantil, Fundamental e EJA, dessas, 24 escolas atendem EJA no turno noturno e 4 atendem também a EJA durante o dia.

**2.1 - RELATOS DE EXPERIÊNCIA DAS PROFESSORAS DA EJA EM ESCOLAS DO ANTIGO TERRITÓRIO DO QUILOMBO DO CABULA**

A prática educativa dos professores da EJA começa com a análise e reflexão sobre: o que ensinar? Quais conteúdos trabalhar? Qual método e dinâmicas em sala são mais eficazes? Como posso viabilizar o desenvolvimento das habilidades necessárias para cada etapa de ensino desta modalidade?

Todas as perguntas acima podem ser respondidas se antes de qualquer análise de proposta curricular os professores considerem o que Freire já indicava em sua prática:

Por isso mesmo pensar certo coloca no professor, ou mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas, também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.(2021, p.31)

Considerar que o aluno não aprende apenas no ambiente escolar e que traz consigo, na sua história saberes e aprendizagens na troca com outros fora da escola, na sua vida cotidiana. é de relevância pedagógica o professor considerar estas histórias de vida, com desejos e anseios diversos.

Inicio este relato contextualizando sobre quem sou eu no cenário da EJA, sou Lívia Oliveira Villas Bôas, filha de professora, nascida no Recôncavo da Bahia, formada pela UNEB em Pedagogia e assumi a carga horária de 40 horas na rede municipal de Educação em 2005, sendo 20 horas pela tarde e 20 horas no turno noturno. Nunca tinha trabalhado com adultos até assumir a primeira turma de EJA na Escola Municipal Professora Maria José Fonseca, que fica no bairro de Sussuarana, no território do antigo quilombo do Cabula.

Ao longo da minha jornada de trabalho fui descobrindo as nuances e particularidades de atuar com jovens, adultos e idosos. Descobri que a minha atuação em sala de aula à noite não poderia ser igual ao meu trabalho durante a tarde, parece óbvio, mas era comum ver essa prática pedagógica de alguns colegas na rede. Os alunos da EJA são peculiares: os anseios, os sonhos, a linguagem, a história de vida, as experiências eram muito particulares deste público. E nós precisávamos considerar isto na prática e na construção da proposta pedagógica da nossa Unidade Escolar.

Em 2010, juntamente com o corpo docente do qual eu fazia parte e a coordenação pedagógica da escola, elaboramos uma proposta didática que denominamos: SEJA CONSCIENTE. Nesta proposta, organizada para todo ano letivo, que era dividido em quatro unidades didáticas, colocamos um tema gerador para cada unidade.

Na primeira unidade usamos o tema: Como eu me vejo! A partir deste tema os professores exploraram a identidade pessoal e a construção da cidadania para construir as suas estratégias pedagógicas. Baseado neste tema gerador pudemos trabalhar com as seguintes abordagens didáticas: identidade do estudante; construção da árvore genealógica; documentos pessoais importantes e suas siglas; construção da linha de vida de cada um; ouvir anseios para o futuro e o percurso; debate sobre noções de cidadania e identidade; bairro e a relação da pessoa com a comunidade em que vive e com o meio em que está inserido.

Na segunda unidade decidimos pelo tema: Minha interação com o mundo do trabalho! Com base nesta temática pudemos pensar no trabalho como instrumento de inserção na sociedade e construção da cidadania. As abordagens didáticas tinham como norte :a importância do trabalho como instrumento de inserção na sociedade e construção da cidadania; tipos de trabalho (status social, diferenças, semelhanças); direitos do trabalhador; história do salário mínimo; análise e estudos de custos de vida (contas de água, luz, transporte,alimentação); estudo e análise dos custos da cesta básica.

 Na terceira unidade o tema orientador planejado foi: Como me vejo no mundo? Falando sobre a interação e relação de interdependência da pessoa humana com o meio em que vive, trazendo possibilidades do aluno da EJA perceber-se como construtor e produto da história do local onde ele está inserido abordando:noção de democracia e cidadania;deveres e direitos (saúde, educação, transporte, segurança, moradia, lazer); concepções acerca do idoso, da criança, do adolescente; eleições e a história do direito do voto.

E para finalizar o ano letivo trouxemos como tema gerador a pergunta : Como o mundo me vê? Possibilitando o estudo sobre a influência africana na construção do povo brasileiro, baiano e na sociedade soteropolitana;os tipos de preconceitos (racismo, sexismo, homofobia) e a importância dos movimentos de resistência (quilombos, insurgências, irmandades).

Utilizamos várias estratégias didáticas para que fosse possível sensibilizar e mobilizar o envolvimento do maior número possível de alunos da EJA. Fizemos: rodas de conversa com escuta sensível para as falas destes alunos; palestras com profissionais relacionados aos temas trabalhados durante as unidades; oficina de cordel; aula lá fora ( quando saímos no bairro para fazer pesquisa de preços nos supermercados); oficinas de ensinagem (quando os alunos da EJA ensinavam para os seus pares o que sabiam : culinária, costura de bolsa; hidráulica); participação na caminhada em celebração ao Dia da Consciência Negra; Sarau Cultural. Percebemos que esta forma de trabalhar aproximava e motivava a participação e interação dos alunos. Era notável a melhoria significativa na auto-estima destes alunos que no início do ano chegavam desmotivados. A experiência de uma proposta didática inclusiva, colaborativa e dialógica trouxe a evidência para nós, professores da EJA, que a aprendizagem pode e deve ser significativa para todos ( WALLON, 2008).

Essa proposta apresentada acima contemplava todos os professores que atuavam nas turmas do EJA 1.

**2.2. A experiência educacional das cabuleiras Josenita, Alaíde e Lívia:**

Deixe-me apresentar. Meu nome é Josenita de Oliveira Evangelista de Souza. Nascida na periferia da cidade de Salvador – Bahia. Mulher preta, mãe coruja de menino inteligente (sem modéstia) e sapeca. Irmã mais velha do núcleo familiar, preocupada e disponível para apoiar no enfrentamento aos desafios. Filha de mãe amorosa e sábia. O amor que minha mãe irradia nutre filhos paridos ou não de seu ventre, alcança sobrinhos, amigos e quem dela se aproxima. Me constituo dessa mãe doce e aguerrida, que sustentou com seu labor formal, complementado por atividades na esfera informal, a numerosa família.

O relato que apresento é uma das vivências que tive como professora em turma de educação de jovens e adultos e que considero bela pela simplicidade, significativa por ter oportunizado aprendizagens em todas as pessoas envolvidas (independente do lugar que se encontrava naquele momento, estudante, gestão, coordenação) e transformadora, por ter provocado em mim e em muitos dos estudantes mudança na sua forma de estar, ver e interagir na comunidade.

 O ano foi de 2016, assumi a regência de uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA I) na Escola Municipal Governador Roberto Santos, pertencente à Regional Cabula. Escola viva, efervescente, aconteciam ações coletivas que envolviam toda comunidade escolar regularmente. Fazíamos encontros de planejamento, e partilhávamos questões pontuais, elaborávamos estratégias no sentido de superá-las.. Portanto, já conhecia parte dos estudantes da turma, apesar de não ter sido professora de nenhum deles, tínhamos uma relação de proximidade. Sabia ser uma turma heterogênea, conhecia as limitações (encontravam-se em momentos diferentes em seu processo de aprendizagem); reconhecia a baixa estima que envolvia profundamente alguns, e das questões sociais que os distanciavam, provocando irregularidade na frequência.

O planejamento precisava contemplar o calendário institucional, atender a grade curricular determinada para aquele ano de aprendizagem e tínhamos a realidade da turma que pedia atenção e cuidado. Junto à equipe docente e coordenação elaboramos um plano de ação que visava a autonomia, a ampliação de conhecimentos, a construção e ampliação da base alfabética.

Inspiradas em Paulo Freire que em seu livro Pedagogia da Autonomia, 1996 afirma que “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” e nos provoca a estar abertos ao risco da mudança, assumindo postura crítica dos nossos fazeres junto com eles e a comunidade, propus a escrita da biografia de cada educando. Tarefa difícil, exigia esforço, desnudar-se de preconceitos, aquisição de habilidades e construção de estratégias.

No projeto de aprendizagem o objetivo principal era o letramento. Escolha que gerou encontros com a coordenação para reflexão de conceito e abordagem na educação de jovens e adultos. Encontramos em “Letramento e Alfabetização: as muitas facetas” da professora Magda Soares, aporte para sustentar o pensamento inicial. A proposição para construção do projeto com os estudantes em sala de aula, também necessitou de tempo, paciência e determinação.

Iniciamos com a construção em sala do quadro de cognição. Excelente estratégia de envolvimento, descoberta e implicação na construção de aprendizagens. Neste quadro constam as questões: O que sabemos? O que queremos saber? O que vamos fazer? Quando fazer? Diferente das experiências que tive com esta ação em outros momentos de minha caminhada na educação, percebi desde o planejamento que na educação de jovens e adultos essa construção deveria ser lenta, atenta e ainda mais cuidadosa. Considerando a frequência, considerando que todos deveriam participar respondendo às questões, o investimento de tempo nesta ação foi extenso. Lembro-me de uma das estudantes desconfiada me perguntando para que tanta pergunta e se eu não me cansava de ouvir as bobagens que eles falavam…

Como esperado, as questões de gênero, raça, religião, violência se apresentaram. Com força. As dores, medos, dissabores, também fizeram questão de se apresentar. Pequenos e grandes sonhos e desejos se insinuaram. Peguei! Tanto os queria… Chegaram, não deixei escapar. É interessante sinalizar que os pequenos desejos para alguns eram utopia para outros.

Além da história de cada um, é possível observar que os sujeitos da educação de jovens e adultos, trazem consigo conhecimentos literários já consolidados. Cantigas de roda, Cantigas de trabalho, histórias de susto ou de ninar, versos, provérbios, ditos populares, adivinhas, lendas, parlendas, fazem parte de seu contexto em alguma medida. Organizamos então os pontos de partida para escrita, reescrita, escrita a partir de escriba.

 Proposições:

**Quero saber ler e escrever**

* Empréstimo de livros paradidáticos – semanal
* Roda de leitura (Sarau) – semanal
* Atividade de produção escrita (do texto a letra) Biografia personalidades negras; Autobiografia; Livro de Receita;

Algumas ações em parceria com outras turmas de EJA 1 da mesma escola

**Quero saber mexer na máquina do banco**

* Matemática no meu dia a dia (números naturais, números e operações, geometria, atividades de matemática relacionada a questões práticas da vida do educando). É de mais ou de menos professora? Jogos de tabuleiro; Jogos da minha infância....

Algumas ações contaram com a parceria do professor de educação física da EJA 2, utilizando o espaço externo da unidade escolar.

**Quero tirar habilitação e ter meu carro**

* Saúde, Meio ambiente, Localização, História (conteúdos do componente curricular Sociedade e Natureza)

Algumas ações realizadas pela professora segunda regente e professor de geografia da EJA 2

Foi um ano letivo intenso. Cheio de aprendizagens. As evidências produzidas pouco ficaram, já se perderam com o inadequado guardar. As marcas impressas na alma de vez em quando descolam e se ressignificam. Antes do fim do ano letivo, uma das estudantes que sonhava em ler e escrever, leu o bilhete da patroa solicitando comprasse ingredientes para a receita do almoço daquele dia. Chegou na escola chorando e gritando comigo como se estivesse passando mal. Um estudante, que estava desempregado, trabalhando com biscates, aprendeu preparar cuscuz de tapioca, fez um carro e passou a vender na vizinhança. Levou para escola. Uma delícia! No ano seguinte a estudante que queria saber mexer na máquina do banco, me contou que não precisava mais pedir a ninguém. Aprendeu a ver e entender os números. Pequenos sonhos, grandes realizações. Nós professores somos os que semeiam e sonham com a colheita farta da sociedade.

**Assegurando a implementação da lei 10.639;03 na EJA da região do Cabula**

“O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 1980, p.42)

As reflexões de Freire permearam meu processo formativo e continuam presentes na minha trajetória profissional, que passarei a relatar:

Sou Alaide Santana, mulher preta, conhecedora de parte da trajetória familiar no processo de escravização desde o primeiro africano da minha família que foi trazido para este país. Soteropolitana, sou única filha de professora leiga, mais tarde comerciária, que me criou sozinha, sou mãe de dois meninos pretos, moradora de ocupação urbana (invasão) da e na Sussuarana, criada no seio das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs e formada no seio da Pastoral da Juventude do Meio Popular - PJMP, professora leiga de escola comunitária, estudei como bolsista no primário/ginásio, concluindo a educação básica em escola pública, entrei na faculdade de pedagogia da UNEB (1997) em uma época em que apenas 2% acessava uma universidade pública.

Atualmente sou coordenadora estadual de uma entidade do movimento negro a Associação Agentes de Pastoral Negros do Brasil - APNs, estou na executiva do GT Direito â Cidade da Defensoria Pública e sou membro da coordenação da Pastoral Afro da Arquidiocese de Salvador, além de integrar o Núcleo de Políticas Educacionais para as Relações Étnico-raciais da Secretaria de Educação de Salvador, responsável pela coordenação das ações na regional Cabula e integrante da Comissão Permanente da EJA do município.

Antes da faculdade, os cursos de Educação Popular do CECUP - Centro de Educação e Cultura Popular e do ISPAC - Instituto Social Popular de Ação Comunitária me apontavam para uma educação de transformação social. Católica por escolha pessoal, chamada ao candomblé pela ancestralidade aos 20 anos, vivo uma dupla pertença religiosa aproximadamente uns 20 anos. Durante a graduação, fui estagiária nas turmas de EJA, nos programas de convênio da UNEB/SESI e UNEB/SMED e foi atuando com adultos que consegui alcançar a profundidade das desigualdades sociais, embora fosse moradora de um bairro com número significativo de analfabetos, as minhas relações com estas pessoas se davam em âmbito mais de reivindicação de melhorias na infraestrutura do bairro, o que impedia de perceber as implicações da ausência do ensino.

Prestei concurso público em 2003 para professora e no ano seguinte para coordenadora pedagógica na rede municipal de educação da cidade de Salvador. Optei por escolas dentro da Sussuarana para atuar, durante 10 anos fui coordenadora pedagógica da Escola Municipal Professora Maria José Fonseca, em diálogos, visitas e participação em atividades das escolas na região do Cabula, fui conhecendo a realidade educacional da EJA nesta região, anteriormente um quilombo: o Quilombo do Cabula, com muitas histórias de resistências, mas com esvaziamento da construção de sentimento de pertença nos espaços escolares, no que tangia a EJA. Havia algumas tentativas, mas não havia ação em conjunto.

Em 2015 fui convidada para integrar a equipe técnico-pedagógica da Gerência Regional do Cabula, nas palavras da pessoa que me convidou, eu tinha elementos que poderiam agregar ao grupo um diálogo mais centrado nas questões étnico-raciais.Com essa tarefa, em 2016 construí uma proposição, juntamente com o Centro de Pastoral Afro Pe. Heitor Frisotti na Sussuarana e o Pe. togolês, Bernardino Mossi, roda de conversa para falar sobre o continente africano hoje, desmistificando o imaginário dos estudantes da EJA, de que a África: a) é um país, b) só tem pobreza. A ideia inicial era bem despretensiosa, das 27 escolas existentes iríamos apenas em torno de 10 e somente com o público da EJA.

Ao iniciar a conversa, eu não o apresentava como padre, apenas dizia o nome e falava de qual país era. Era visível que as pessoas presentes se interessavam pois iriam dialogar com alguém de fora, um estrangeiro. Ele iniciava perguntando se alguém desejava ir morar com ele na África e todos recusavam de imediato e os motivos eram os mesmos: lugar ruim, de muitas guerras e pobreza, as pessoas morrem de fome.

A partir dessa introdução, se descortinava a apresentação dele, com imagens e relatos pessoais dos lugares que conhecia de perto, da pobreza e da guerra, mas de locais ricos, com escolas, hospitais e mais bem cuidados do que muitos locais brasileiros. Depois era o momento de falar da religião, sempre com muito cuidado mas de forma direta, ele contava que era de família muçulmana e que todos estiveram presentes na ordenação e que ele ao chegar em Salvador quis conhecer um terreiro e que as festas de caboclo lembrou alguns rituais da terra dele.

Ao final, fomos em 20 escolas e as escolas solicitaram o diálogo dele com os alunos do diurno (não acompanhei estes diálogos). As rodas de conversa sobre temáticas raciais continuaram e somente o ano de 2020 não foi possível, devido a pandemia. As escolas passaram a realizar com maior constância atividades antirracistas.

**3 METODOLOGIA**

Estamos utilizando os relatos de experiência das nossas vivências nas turmas de Educação de Jovens e Adultos em escolas que pertencem ao antigo território do quilombo do Cabula, nos bairros de Sussuarana e São Gonçalo.

O Relato de Experiência é uma espécie de narrativa, pela qual o conhecimento científico se atrela, enquanto aporte para subsidiar a experiência a ser comunicada. Dentro da perspectiva metodológica, o Relato de Experiência é uma técnica pela qual a escrita permite a comunicação das experiências subjetivas e objetivas.

Sendo assim, é importante que seja dito que o Relato de Experiência não é uma crônica, mas sobretudo uma experiência ancorada em marcos teóricos, pelos quais a interpretação do relato se organiza. A interpretação do relato apresentado neste trabalho, também está ancorada na experiência comunitária e profissional das professoras que escrevem este artigo, a partir de uma descrição de suas memórias vividas em suas práticas sociais, profissionais e comunitárias no território do Antigo Quilombo do Cabula.

Por sua vez, a discussão de forma narrativa, traz a interpretação a partir de uma organização estruturada pelas próprias autoras, que apontam para as práticas docentes identificadas em cada relato de experiência apresentado.

**4 CONCLUSÃO**

A modalidade EJA configura como espaço de saberes populares que se entremeiam com os conhecimentos selecionados pelo sistema educacional, o sujeito presente na EJA transgride, sempre que há possibilidades, o currículo formal, ampliando a sua compreensão de mundo e sua atuação no mundo, produzindo novas culturas. Como diz Milton Santos: Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada.

A proposta de relatos apresentados neste trabalho, corroboram com as práticas defendidas pelo projeto TBC Cabula e Entorno, em razão do protagonismo das educadoras que em seus relatos, mostraram a força do comprometimento e da valorização com uma educação situada na contextualidade do Cabula. O território do Cabula, por ser um uma região com o potencial afrodescendente, manifesta no cotidiano de seus moradores a marca de uma trajetória de resistência e luta.

**REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 77 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 67 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE,Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

SOARES**,** Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas** Disponível em:

<<https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/4106/n25a01.pdf>> Acesso em 07 set 2013.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: Censo 2010. Pessoas de 15 anos ou mais de idade que não sabem ler e escrever. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/pesquisa/23/25124>> Acesso em 28 nov 2021.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2020 [recurso eletrônico]**. ‐ Brasília:Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021. xx p. : il. ISBN xxx‐xx‐xxxx‐xxx‐x 1. Educação ‐ Brasil. 2. Educação Básica. I.Título.

CRISTALDO, Heloísa. Censo Escolar 2020 aponta redução de matrículas no ensino básico: Foram registradas 579 mil matrículas a menos do que em 2019. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-01/censo-escolar-2020-aponta-reducao-de-matriculas-no-ensino-basico>> Acesso em 10 nov 2021.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos in Revista Brasileira de Educação Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 5 nov 2021.

NASCIMENTO**,** Luiz Marine José do e COSTA, Telma Costa (orgs.). **Projeto Político Pedagógico da Educação de Jovens e Adultos: Rede Municipal de Ensino de Salvador** - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTOS,Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/Milton%20Santos%20-%20Por%20uma%20outra%20globaliza%C3%A7%C3%A3o%20[LIVRO].pdf> Acesso em 11 nov 2001.

1. Pedagoga. Especialista em Alfabetização e EJA pelo ISEAC (2013), Coordenadora pedagógica e professora na Rede Municipal de Educação de Salvador.e-mail: lainegra@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
2. Pedagoga. Coordenadora pedagógica e professora na Rede Municipal de Educação de Salvador.e-mail: nicejoevangelista@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
3. Pedagoga. Especialista em Novas Tecnologias e Educação pela UFBA, professora e coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Educação de Salvador.e-mail: lovboas@hotmail.com [↑](#footnote-ref-4)
4. Pedagogo. Pedagogo (UNEB), atualmente é professor do Ensino Fundamental (SMED), Doutor em Difusão do Conhecimento pelo Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (UFBA), Mestre em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB) e especialista em Metodologias de Ensino para o Educação Básica (FCE).e-mail: eudesmata@gmail.com [↑](#footnote-ref-5)